

RUMINAR

RUMINATE

Gabriel Silva Nicolau¹

Acordei à base de tosse seca, cuspiendo o pulmão pra fora, me desprendendo a cada segundo da vida farta e voluta. O sangue escorria pelas minhas mãos enquanto eu abafava vergonhosamente o grito da moléstia. De longe, naquele espaço asséptico e um tanto inóspito, o bipe mecânico vindo dos aparelhos corria lentamente pelas paredes dos corredores estreitos em que me encontrava. Eu estava morrendo e sabia disso, mas não queria acreditar. Corri pra onde tinha vida...

Olhar pra esse limite de concreto que me recorta os espaços que posso ou não perpassar é tudo que tenho agora. Pouco antes de sair e me lançar sobre a labuta do viver, decidi pregar minha atenção sobre as paredes dessa cabeça de porco. O cenário monocrático a base de terracota, as baratas como pequenos borrões ruminando meu jantar, é como um grande filme de terror onde o assassino sou eu mesmo. O assassino está em busca da própria morte. Estou me matando todos os dias.

Mais uma vez, caminho sobre a mesma calçada, passo atrás de passo. Gente atrás de gente. Como um produto na fila de espera, caminho para meu ofício. A cidade abre os olhos e o sol se ascende vagarosamente com ela. Eu já estava ali há horas, nunca fui de esperar o sol acordar. Não me deixaram, na verdade. O caminho da volta é pior. Vivo em uma grande disputa entre eco e oco. Eco da rua. Oco de mim. É uma batalha infundável para conquistar o título de quem está mais vazio; eu ou a rua.

Quando consegui esse trabalho, achei que minha vida mudaria e de fato estava certa. Meu pagamento seria a alfabetização por parte de minha tia e um prato

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

de comida do que sobrou da noite passada. Em troca, eu cuidaria de seus três filhos para que ela pudesse ingressar na universidade. Verdade era que eu já não comia tinham dois dias, o que me fora dado não passava de um punhado de arroz azedo ladeado de um feijão mofado. Isso quando tinha feijão. O lado bom de tudo isso: os parentes começaram a me usar como referência. O que eles chamam de força de vontade, eu chamo de miséria. Cada vez mais, o meu caráter de subsistência se tornou referência de perseverança.

No primeiro dia de trabalho, enquanto vestia uma de minhas primas, trocamos brevíssimas palavras. Coisa de criança. Falávamos sobre boneca e as roupas que queríamos comprar. Seu rosto branco e corado, bem próximo ao meu, me permitia desfrutar da visão de seus belíssimos dentes. Ela fruía de palavras pomposas. Eu pensava o quanto eu queria tudo aquilo. A pele branca, os dentes limpos, o cabelo arrumado. Tudo que foi me tirado, era somente o que eu queria.

De repente, Sarah, sorratamente correu até os meus ouvidos com sua boca aveludada e me contou algo que nunca pude imaginar. Meus olhos encheram d'água e eu despenquei como um barraco que se despenca após uma forte tempestade.

As conversas agora duravam horas e não mais poucas palavras. Sarah me contava sobre o privilégio de ter treze anos em uma família rica. Eu, não muito mais velha, dizia dos sonhos que eu tinha quando fizesse meus quinze. No fundo, eu esperava que ela olhasse pra mim e insistisse só mais cinco minutos antes de minha partida. Nunca aconteceu. A melhor parte era quando tinha de alimentar ela e seus dois irmãos mais novos. Às vezes, quando em casa, seu pai ficava encarregado do labor e, quando não, podia gentilmente insistir para Sarah por pequenos petiscos da refeição tardia. Uma vez, o pai de Sarah me encontrou com a boca no trombone, ou melhor, com a boca no prato. Lembro do escarcéu. Coma lá fora junto com os bichos! Já pra fora, vá!

Alguns meses depois, escrever meu nome já não era mais um problema. A diferença entre o “mas” e “mais” pouco me incomodava na escrita. Já era uma mulher crescida, podia ler jornal e discutir sobre política. Tragava com toda sensualidade um maço de cigarro por dia. Me debrucei sobre os autores mais belos da época. Jorge Amado, Clarice Lispector e José de Vasconcelos. Meu Pé de Laranja Lima era meu

favorito. Devorava histórias de maneira compulsiva e vomitava todas as minhas palavras pomposas sobre o rosto de Sarah. Na verdade, eu só queria ser como ela. Toda vez que me olhava no espelho via o oposto. Uma vez, minha querida tia, exercendo seu ofício de mulher, jogou cloro sobre as minhas pernas dizendo que assim eu ficaria mais bonita. Que assim minha pele embranqueceria. Pois bem, passei sobre meu corpo aquele líquido fétido e ardente. Dentro de poucos minutos, tudo que recebi foram gargalhadas e queimaduras pelo corpo.

Titia e Sarah eram as únicas pessoas que sobraram da minha árvore genealógica. Mamãe não resistiu ao parto quando me teve, já meu pai, pouco sei sobre ele. O que me resta são pequenos retratos 3×4 repletos de poeira e de cores turvas que mal consigo enxergar seus rostos. Com o tempo, me acostumei a vida de poucas raízes, não sei quem sou nem quem serei.

Nos jornais, corria como notícia ruim o rosto gordo do pai de Sarah. Aquela sobancelha robusta e despenteada que dividia espaço com a falta de cabelo no topo, entretanto, com excesso aos lados. Aquele nariz um tanto quanto vantajoso que ousava cheirar as vestimentas da filha. A orelha tão grande quanto sua ambição por dinheiro. Todos os fenótipos determinantes da sua identidade estavam sendo expostos nas manchetes dos jornais. Procura-se bicheiro suspeito de matar vereador.

É claro que eu sabia das mudanças que estavam por vir. Não demorou muito, Sarah precisou se mudar. Fui encarregada de fazer as malas rapidamente para que pudessem partir. Não houve choro nem sequer aquele olhar dramático onde dois olhos distantes se encontram por questões de segundos representando o adeus infável. A fome que alimenta os músculos estava longe de ser tão grande quanto a fome que alimenta a alma. Era como se a vida trajada com a roupagem do mar se dedicasse verdadeiramente em fazer o trabalho da onda. Eu estava sendo jogada para frente e para trás. Verdade era que eu não tinha a sensação do sublime da praia e as cutículas de água evaporadas para tocar minha pele ardida. Tinha em mãos, apenas uma quentinha empapada e uma pequena dezena de folhas. E, no reflexo do sol que tocava meus olhos, pude, nebulosamente, enxergar a casa que me acolhera.

Preguei meu olhar por poucos segundos, disse adeus e caminhei para a estação de trem.

Lembro das poucas semanas antes do meu aniversário onde eu me tornaria uma verdadeira mulher. Havia conseguido um novo emprego, a função que me forada não passava de limpar vasos e mictórios de um velho bar. Em razão dos cruzeiros acumulados, pude me deleitar nas refeições nunca experimentadas. A fome carnal já não me era problema, sentia apenas falta das conversas que tivera com Sarah. A solidão e eu éramos verdadeiras amigas que andávamos de mãos dadas e corações partidos.

Meses depois, fui surpreendida com uma carta vinda de Sarah. Ela estava de volta. Sua pele radiante impregnou-se sobre meus olhos que, por teimosia, insistia em banhar minhas bochechas com suas cutículas pungentes. E, na sombra de minha tia, logo ao lado do pai de Sarah, não pude deixar de notar como seus irmãos já estavam crescidos. À noite, pouco antes de partir, contei sobre o trabalho, os livros que havia lido e a tosse seca que me perseguia por semanas. Ela, não muito interessada, apenas acenava com a cabeça ao som de pequenos murmuros que, repentinamente, tentavam me interromper. Vá embora, já está tarde. Eu fui, estava demasiadamente feliz para resistir contra as palavras de Sarah.

Foi numa Quarta-Feira de Cinzas. Meu corpo esvaído de energia insistia cada vez mais pôr pra fora a vida tragada. Meu orifício bucal trêmulo e relutante estava em uma grande luta entre minha mão e a vergonha do adoecer. De mim, saía um muco esverdeado que alertava o declínio de minha vida e a ausência de ar eminente. Apesar das querelas, mantive meu corpo de pé, me travesti na personagem que a peça da vida me pregou; obstinada, diria Sarah. Ainda que acreditasse veementemente na persona que era, desmaiei enquanto limpava resquícios de urina. Para tormento meu, fui acordada à base de gritos com a notícia de que havia sido demitida. Da noite pro dia tudo estava perdido novamente. Ao menos podia ver Sarah todos os dias mais uma vez enquanto titia cursava a universidade.

Naquela tarde, fui despertada horas mais cedo com os raios de sol que abusadamente invadiam o espaço entreaberto da janela. O toque caloroso entre o fecho solar e minha pele retinta fora criado a partir dessa invasão. Meu pulmão,

embora debilitado, parecia ter se acostumado com a tosse continua e acompanhada de sangue que o visitava toda noite. Agora estava magérrima, já não mais sentia fome, meu corpo se escondia timidamente atrás do vestido encardido que me fora deixado por Sarah. Meus braços, na tentativa de se erguer, tremiam como um coração apaixonado que acaba de ver seu amor. Eu estava fraca, mas, mesmo assim, tinha de cuidar dos meus primos. Meus olhos exaustos se debruçavam sobre a muralha humana que disputava pequenos espaços dentro do trem. O roteiro dessa viagem, não muito planejada, sempre me levava para o mesmo destino: a casa de Sarah. Quanto mais próximo eu chegava daquela enorme mansão, mais invisível eu me tornava, desaparecia aos poucos. De fato, eu estava invisível e gostaria que a imagem que meus olhos tocavam também estivesse. Mas não, observei o vaivém daqueles corpos desconexos onde, de um lado, lutava-se para sua sobrevivência e, do outro, lutava-se para manter seu prazer carnal. A resistência daquele corpo inocente e indefeso foi se esvaindo na medida que o corpo dominante entrelaçava sobre o pescoço da vítima seus dedos robustos e peludos. Sarah estava sem ar.

Lembro de certa vez, no início de nossas inúmeras conversas, Sarah me contou sobre a violência que havia sofrido. Naquele dia, meu corpo despencou de si, como um barraco que se despenca devido as intempéries da natureza. E agora, a paralisia do meu corpo causado pela visualização daquela imagem, entrava em forte conflito com a lembrança que me vinha das conversas com Sarah e um evento que me ocorreu pouco antes de chegar: O trem, como um grande telespectador dos embates territoriais, presenciava a minha perna sendo tateada enquanto eu tentava balbuciar pequenas palavras de repúdio. Após terem gozado de meu corpo, fui arremessada para o lado de fora, como um parto malfeito que se finda na morte da prole.

Naquele instante, já perdida entre minhas memórias e com a imagem de Sarah suplicando pela sua vida, não sabia o que fazer, foi quando, num ato de relapso, peguei uma pedra e arremessei sobre o vidro da janela que ladeava a viela dos fundos onde os dois corpos se encontravam. No susto, seu pai cobriu suas vergonhas e correu rapidamente para dentro de casa. Sarah estava atirada sobre o chão pegajoso devido ao suor causado pelo conflito corporal. Seu corpo estava

completamente desnudo e carecendo de energia. Alegrementemente, pude perceber sua respiração e corri para acudi-la. Não pude deixar de notar a marca da garra na coloração roxa sobre o pescoço de minha pequena Sarah. Ela estava viva. Seus olhos caminhavam vagorosamente de encontro aos meus e, rapidamente, sua pupila dilatava-se como quem acaba de ver um fantasma. Seu corpo relutava contra a minha ajudava e se encarregava na labuta de encontrar as roupas que lhe foram tiradas. Sem muita energia, Sarah cedeu sua resistência, atravessando seu braço branco e cumprido por detrás de meu pescoço com um único objetivo: se manter de pé. Dois corpos entrelaçados tentavam, com um esforço sobre-humano, se levantar.

Talvez essa tenha sido a forma mais tenebrosa que a vida criou para construir um elo entre duas primas. Agora, Sarah já cuidava de mim quando não estavam em casa, procurava remédios para minha tosse e me alimentava com comida fresca. Éramos verdadeiras amigas. Verdade era que a culpa da marca roxa em seu pescoço quem levou foi eu. Sarah não estava pronta pra contar para titia e seu pai havia ameaçado me ferir caso titia soubesse de algo.

Já não lembro quantas vezes revivi aquela cena perturbadora que meus olhos um dia tocara. Estava sofrendo com aquilo e não podia deixar do jeito que estava. Convenci Sarah a conversar com titia. Após dezenas de tentativas falhas, Sarah, numa tarde onde o céu estava coberto por nuvens cinzas, direcionou sua fala à sua mãe e contou tudo que havia acontecido. Titia não acreditou sequer em uma palavra. Disse apenas para esquecer de tudo isso e que iria conversar com seu pai. Eu, presenciando aquele diálogo unilateral, vi Sarah insistindo incessantemente para que ela não conversasse com o provedor, pois tudo não passava de um mal-entendido e que ela realmente iria esquecer aquele importuno.

Pelo resto da semana, o ambiente estava hostil, o pai de Sarah fitava seus olhos aos meus da mesma forma que dois caipiras se encaram pouco antes de começar um conflito bélico. Estávamos em guerra. Em razão da presença de seu pai em casa, não podia comer nada além da quentinha. Sarah não podia me medicar, pois tinha medo de que seu pai descobrisse. Na pior das hipóteses, ainda tínhamos nossas conversas e, vez ou outra, me oferecia sigilosamente um pouco de sua comida. Nesse dia em específico, minha refeição estava intragável, não que eu tenha comido, mas o

cheiro estava insuportável. Quando mostrei pra Sarah, ela, na tentativa de me mostrar que eu estava exagerando, levou até sua boca rosa poucas dezenas de colheres avantajadas. Seus olhos encheram de água e sua barriga contraía como alguém que estava prestes a vomitar. Obstinada, engoliu forçadamente.

Horas depois, estávamos correndo pelo seu jardim florido na tentativa de ignorar as cicatrizes que nos foram deixadas. Éramos apenas duas mulheres brincando enquanto tudo parecia ruir sobre nossas costas. Num piscar de olhos, vi a perna de Sarah se desvanecendo aos poucos e, seu corpo, caindo bruscamente ao chão. Seus olhos, a única parte que parecia ainda sinalizar o brilho da vida, foram rastejando-se até aos meus. Sua mão esquerda, corria sobre minha bochecha enquanto sua boca proferia palavras quase que inaudíveis. Eu estou morrendo, me ajuda...

Sem saber o que fazer, minhas cordas vocais se estendiam no sustenido mais agudo na tentativa de pedir socorro. Sarah, morrendo próximo as minhas pernas, sussurrou para que eu chegasse até seu rosto.

Eu te amo, prima.

Beijar minha bochecha, mesmo que de forma enfraquecida, foi a última coisa que Sarah fez. Seu pai, naquele momento, chegava enfurecido perguntando o que tinha acontecido. Disse, apenas, que horas antes ela havia comido a minha refeição. Uma explosão irrompeu sobre seu rosto. Era o ônus da culpa. Correu com o corpo de Sarah sobre seus braços e disse que a levaria ao hospital. Ela está envenenada e a culpa era minha, gritava ele.

À noite, sem saber muito o que fazer, corri até a estação de trem, quando, de repente, fui parada por uma viatura policial onde o pai de Sarah estava dentro. Naquela esquina da Rua Ouvidor, número 96, meu rosto estava colado ao chão e as algemas circundavam com uma certa dificuldade meus pequenos braços. Eu fui acusada pela morte de Sarah.

Fiquei dez anos presa. Por sorte, consegui tratar minha tosse dentro da prisão e conheci uma senhora de olhos castanhos cujo corpo andava encurvado devido ao peso do envelhecer. Como eu, tinha sido presa injustamente. Pior, foi torturada pelos

militares em razão das críticas que fazia enquanto professora. Na segunda vez, não aguentou e acabou por falecer.

Agora, com a mesma idade e profissão que a senhora da prisão, me encontro no processo de desaparecimento. Sentia a fragilidade do meu corpo tal como o de Sarah naquela tarde, porém meu corpo agora estava consumido pelo tempo e já não era capaz de sequer atender qualquer ordem que eu o encarregava. E, ainda dentro de meus pensamentos, as lembranças estavam sendo reprisadas sobre meus olhos momentos antes de minha morte...

Foi então que eu lembrei daquele rosto branco de lábios rosas e da resposta que deixei de dizer.

Eu também te amo, Sarah. Mesmo depois de cinquenta e quatro anos.

Não estava morta, no meio da madrugada e com o ruído das máquinas, acordei à base de tosse seca...